

Crônicas da periferia: o direito a contar uma história¹

Emanuelle Viana de Freitas²
Ana Carolina Paulino da Silva de Oliveira³
Ana Priscilla Farias da Costa⁴
Evelin Vitória de Freitas Silva⁵
José Carlos Fernandes⁶
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Em 2025, o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), da UFPR, desenvolveu junto dos estudantes do Colégio Estadual João Gueno um livro de crônicas. A ação foi guiada por metodologias educomunicativas, que colocaram os adolescentes no centro do próprio processo. O movimento foi o de valorização das vivências e identidades locais, subvertendo o imaginário de uma periferia urbana como um ambiente reduzido à violência, de modo a garantir as participantes o que chamamos de “o direito a crônica”.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação popular; Educomunicação; Crônica; Direitos; Ncep.

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) é um programa de extensão composto por discentes dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Com 23 anos de atuação, as ações desenvolvidas pelo núcleo adotam como pilares a comunicação popular, a educomunicação e a democratização dos meios de comunicação.

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2026.

² Estudante de Graduação do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: emanuelleviana@ufpr.br

³ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: oliveiracarolina@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: costaprisilla@ufpr.br

⁵ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: evelinvitoria@ufpr.br

⁶ Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR. E-mail: zeca@ufpr.br

O programa conta com dez projetos construídos em parceria com grupos que ocupam diferentes espaços de Curitiba e Região Metropolitana (RMC). Dentre eles, está o protagonista do presente resumo: o “Gueno”. Escola da rede pública de ensino paranaense, o Colégio Estadual João Gueno se localiza no bairro São Dimas, na periferia do município de Colombo. A instituição dispõe de seis salas de aula e atende ao menos 500 estudantes do Ensino Fundamental II e Médio.

Segundo dados divulgados pelo relatório estatístico criminal “Quantitativo de vítimas de crimes relativos à morte: janeiro a dezembro de 2025 – Paraná segundo municípios e Curitiba segundo bairros”, elaborado pela Secretaria da Segurança Pública do Paraná, em 2025 Colombo ocupou a terceira posição em quantidade de homicídios cometidos nas 29 cidades que compõem a RMC. Com o total de 30 vítimas de mortes violentas segundo natureza penal, o município fica atrás apenas de São José dos Pinhais (43) e Curitiba (185). O passado marcado pela violência também atingiu os arredores do “Gueno”. Em 2013, o “Caso Tayná”, que aconteceu no bairro, vitimou uma adolescente de 14 anos, aluna da escola, teve repercussão nacional e ganhou os palcos do jornalismo sensacionalista. Diante da resolução inconclusa do caso, os sentimentos de insegurança e medo tomaram conta das ruas do São Dimas.

É nesse cenário que o vínculo entre o Ncep e a escola se inicia, ainda em 2018, com oficinas que adotavam o gênero crônica como norte, na esperança de que os estudantes enxergassem o bairro sob uma perspectiva diferente da construída pelo noticiário policial. Da experiência, surgiu o livro *De pés no chão: o São Dimas que vivemos*. Também se somam ao acervo da parceria: *O meu, o seu, o nosso São Dimas* (2019) – outro livro de crônicas –, o blog *Gueno News*, a Revista *Janelas Abertas*, o *Profissacast*⁷ e o curta-metragem *A Sombra de Fabinho: terrores no João Gueno* (2023). As ações extensionistas de 2025, seguiram uma tradição já conhecida entre a extensão e o colégio: a produção do *Nossa vida através da escrita*, um livro de crônicas desenvolvido junto de 25 estudantes do 8.º ano do Ensino Fundamental.

CRÔNICA, UM GÊNERO EM EBBULIÇÃO

Advinda da palavra grega *chrónos*, que significa tempo, a crônica é um gênero textual curto que mistura o jornalismo e a literatura em um registro circunstancial, fictício

⁷ Podcast em que os estudantes entrevistam profissionais de diferentes áreas de atuação.

ou não, permitindo que o narrador-repórter analise o dia a dia de maneira crítica ou poética. A crônica é uma forma de tornar um acontecimento cotidiano, que passaria despercebido por ser considerado insignificante, em uma reflexão sobre alegria e tristeza (Sá, 1985).

Segundo Sá (1985), o gênero existe desde a Idade Média, época em que era utilizado na organização de documentos em ordem cronológica. Em 1500, com as Grandes Navegações, Pero Vaz de Caminha escreve o que viria a ser a primeira crônica brasileira. Ao descrever a paisagem da então Terra de Vera Cruz, Caminha estabelecia uma regra do gênero: quem escreve a crônica deve registrar o que observa e vive. Anterior ao momento de consolidação do gênero textual como jornalístico-literário, durante a criação da imprensa brasileira, nos séculos XIX e XX, o espaço destinado às crônicas era os rodapés dos folhetins, uma seção do jornal que informava, de forma menos maçante, os acontecimentos do dia ou da semana (Soares, 2014). Para Meyer (1992), essa fase da crônica, ainda embrionária, pode ser chamada de *crônica à brasileira*, uma vez que disputava espaço direcionado ao entretenimento, em que os “cronistas” expressavam suas opiniões em publicações sobre os hábitos e costumes da população (Meyer, 1992, apud Seibert, 2014).

A crônica tem caráter atemporal, atravessa décadas, mantendo-se presente nos jornais, agora majoritariamente digitais, e em blogs, redes sociais, *newsletters* e, assim como no passado, nos livros – normalmente em coletânea. Se por um lado, o gênero articula com a temporalidade e cotidiano, marcas do jornalismo, de outro, “mobiliza a fabulação da criação ficcional e poética do discurso da literatura” (Seibert, 2014, p. 681), características que continuam a conquistar os leitores.

O DIREITO À CRÔNICA

A hegemonia, isto é, as formas de dominação de uma classe sobre a outra, não se consolidam unicamente a partir de questões econômicas e organizações políticas, mas englobam também o campo da cultura. Por meio “da expressão de saberes, práticas, modos de representação e modelos de autoridade que querem legitimar-se e universalizar-se” (Moraes, 2010, p. 55), são transmitidos discursos que transcodificam ideologias, em uma construção de significados que moldam comportamentos, crenças e valores. Um veículo jornalístico, ao noticiar uma pauta que se desenrola em uma área periférica, e

optar por enquadrar somente situações de violência, constrói o imaginário de um ambiente que não tem nada além de uma realidade injusta para oferecer.

Nessa lógica, a representação socialmente constituída pela mídia massiva, contribui para a perpetuação de visões estereotipadas por parte da população de maneira geral, enquanto os indivíduos periféricos sofrem com estigmas e uma baixa-estima que os condiciona a naturalizar ciclos de violência. O local onde residem, portanto, passa a ser visto como um “não lugar” (Augé, 2024). Daí advém o potencial transformador da crônica para com indivíduos situados nas “franjas” da sociedade. O gênero textual que, devido ao lugar que ocupava nos jornais, seu tamanho reduzido e suas narrativas que partem de histórias do povo, foi julgado como menos importante para a literatura ainda em sua origem; era voltado “a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária” (Sá, 1997, p. 10, apud Seibert, 2014, p. 681).

Ao levar a um passeio pelo comum, transformando o até então indiferente em uma reflexão profunda, a crônica permite que seu escritor ressignifique os momentos simples da vida. Em um retrato do cotidiano mesclado à individualidade e singularidade de quem o observa, o gênero textual permite, com sua simplicidade e despreensão, a humanização do cronista (Candido, 2003). Diante de uma realidade em que os direitos da população das periferias urbanas são negligenciados até mesmo pela salvaguarda da cultura (Santos, 2011), a crônica é mais que um mero amontoado de palavras: é resistir a uma série de violências simbólicas impostas e reafirmar a própria existência.

A METODOLOGIA: DA SENSIBILIZAÇÃO À PRODUÇÃO TEXTUAL

Ainda no primeiro semestre de 2025, optou-se por colocar em prática um movimento de sensibilização dos jovens em relação ao ambiente em que estão inseridos. Ao enxergarem as entrelinhas do cotidiano atravessado pela violência, a valorização das próprias histórias também estaria por vir. Nesse panorama, a primeira oficina teve o objetivo de compreender que poço de significados o bairro São Dimas e a escola “Gueno” representavam para cada estudante. A proposta era que, a partir da produção de um cartaz de colagens, os alunos respondessem ao questionamento: “Se você fosse contar a algum desconhecido sobre o bairro em que mora, o que você diria?”.

Da atividade, emergiram as seguintes percepções: o bairro apresentava sinais de violência em uma série de ambientes (escolar e doméstico, por exemplo) e contra grupos

específicos (idosos, crianças e mulheres). As oficinas seguintes fundamentaram-se na busca de pautas e na produção de matérias jornalísticas que adotassem o local como tema. Posteriormente, uma caminhada pelos arredores da escola originou um mapeamento do bairro, que quantificou aspectos censitários como: ruas; características das moradias; qualidade de calçamento e iluminação; memórias; e personagens marcantes da comunidade. O intuito era uma observação crítica da realidade (Freire, 2019).

A experiência resultou na publicação de cinco notícias no blog *Gueno News*. No segundo semestre do ano, concentrando os esforços na construção do livro de crônicas sobre as vivências da turma, o primeiro passo consistiu na apresentação do gênero, em uma roda de conversa. Na atividade, os estudantes tiraram contaram experiências que poderiam ser combustível para a escrita de uma crônica. Nos depoimentos ouvidos, a identificação de uma problemática: alguns alunos relataram, com naturalidade, episódios de violência sofridos por conhecidos ou familiares, na incerteza se a situação poderia ou não ser redigida em uma crônica.

Ao processo, somou-se a oficina de “objetos afetivos”. Com o propósito de despertar o olhar sensível dos estudantes, cada adolescente levou para a escola um objeto de valor sentimental, para que compartilhassem sua importância. O último encontro consistiu em outra roda de conversa, desta vez com duas ex-alunas do “Gueno”. As participantes do *O meu, o seu, o nosso São Dimas* visitaram a escola e leram os textos que escreveram, relatando detalhes sobre o processo criativo. Com os temas de cada crônica selecionados, iniciou-se, então, a fase de produção, em tutoria guiada pelos extensionistas e professora responsável pela turma.

Como proposta de encerramento das atividades, exemplares do livro foram impressos, e uma “festa de lançamento” organizada. A comemoração foi significativa: após um ano de atividades, crônicas que contavam sobre um pet, a casa da avó, uma visita ao estádio do Corinthians, um dia em um parque aquático, uma briga com um colega ou uma partida de futebol, cumpriam com os propósitos educacionais de colocar os jovens no centro de seus processos educativos (Soares, 2014).

O Nossa vida através da escrita (2025) é uma coletânea composta por 24 crônicas, que revelam as diferentes vivências cultivadas no São Dimas. Aqui, a crônica é a forma que esses adolescentes encontram de externalizar aquilo que é banalizado. Uma memória, um ente querido, a casa onde morava na infância: o bairro, então, não está reduzido à

violência. Tampouco a vida de cada um desses jovens, atravessada por injustiças, será conduzida por esse fator.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 12.^a ed. Campinas: Papirus, 2024.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: VV.AA. **Para gostar de ler**: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 53.^a ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.
- MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, v.4, n.1, p. 54-77, 2010.
- ROCHA, Nuno. **Editorial, crônica e funções do Director**. In: PRAÇA, José e TEIXEIRA GOMES, José Maria. *Jornalismo ao vivo*. Lisboa. Encomendi, s.d. p. 122-123
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6^a ed. São Paulo: Ática, 1999.
- SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. SILVA, Elisiane da; NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach (org.). Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.
- SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA DO PARANÁ. **Relatório estatístico criminal**: quantitativo de vítimas de crimes relativos à morte — janeiro a dezembro de 2025 — Paraná segundo municípios e Curitiba segundo bairros. Curitiba, 2025. Disponível em: [*relatorio_mortes_pr_jan_dez_2025_1.pdf](#). Acesso em: 17 abr. 2026.
- SEIBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 14, n. 3, p. 675-685, 2014. Disponível em: [A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura](#). Acesso em: 17 abr. 2026.
- SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A Crônica Brasileira do Século XIX**: uma breve história. São Paulo: É Realizações, 2014.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. 3.^a ed. São Paulo: Paulinas, 2014.